



QUE FAREI DE JESUS,

CHAMADO CRISTO

?

*Luciano Subiró*

3ª Edição  
Curitiba - 2011

DIREITOS RESERVADOS  
© Luciano P. Subirá - 1999

**Orvalho Produções Ltda.**  
**(41) 3016-6588 - [www.orvalho.com](http://www.orvalho.com)**

**Capa:** Eurípedes Mendes

**Revisão:** Mirtes Diotalevi

**Impressão:** Gráfica Jocum

*Todos os textos bíblicos foram extraídos da versão Revista e Atualizada no Brasil, da tradução de João Ferreira de Almeida, da Sociedade Bíblica do Brasil.*

Categoria: Evangelismo

ISBN 85-98824-08-9

# ÍNDICE

01 - O maior julgamento da história.....	5
02 - Porque Jesus foi julgado.....	13
03 - A omissão de Pilatos.....	31
04 - Se o tivessem conhecido.....	49
05 - O outro lado da crucificação.....	59
Conclusão.....	73
Oração de entrega.....	75
Palavras Finais.....	77



# 1

## O MAIOR JULGAMENTO DA HISTÓRIA

Recordo-me claramente de uma das aulas de direito que tive em meu colegial. O professor declarou que o julgamento de Jesus diante de Pilatos foi muito debatido em seus dias de faculdade, por ter sido considerado “o maior julgamento da História”. Até hoje não sei porquê, mas aquela afirmação marcou-me. Não sei qual o motivo dela ter me tocado tanto, mas tocou e nunca me esqueci do que ouvi. Contudo, descobri anos depois, repassando os detalhes bíblicos, que o julgamento não existiu; foi uma farsa. Pilatos estava lá como Governador da Judéia e tinha toda autoridade que o Império romano lhe delegara como tal, mas não julgou nada. Apenas transferiu a responsabilidade que lhe cabia como juiz sobre os judeus, e os deixou decidir o que seria feito de Jesus. Ele não foi justo, não foi ético,

não foi nada! Sua omissão denigre de tal maneira o episódio, que não lhe deixa nenhuma razão para ser intitulado o maior julgamento da História, exceto pelo fato de que o réu foi a pessoa mais importante da História. O que faz especial este julgamento não é o fato dele ter ou não ocorrido como deveria e nem tampouco a justiça ou não do veredicto final, mas a grandeza do acusado. E mais: o paralelo que há entre a decisão de Pilatos do que fazer de Jesus chamado Cristo, e a decisão que cada um de nós tem que tomar hoje em relação ao mesmo Jesus.

Permita-me convidá-lo a ler com atenção a transcrição da narrativa bíblica do evangelista Mateus, de como foi o tribunal nesta ocasião:

“Jesus estava em pé ante o governador; e este o interrogou, dizendo: És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes. E, sendo acusado pelos principais sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu. Então, lhe perguntou Pilatos: Não ouves quantas acusações te fazem? Jesus não respondeu nem uma palavra, vindo com isto a admirar-se grandemente o governador. Ora, por ocasião da festa, costumava o governador soltar ao povo um dos presos, conforme eles quisessem. Naquela ocasião, tinham eles um preso muito conhecido, chamado Barrabás. Estando, pois, o povo reunido, perguntou-lhes Pilatos: A quem quereis que eu

vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo? Porque sabia que, por inveja, o tinham entregado. E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito. Mas os principais sacerdotes e os anciãos persuadiram o povo a que pedisse Barrabás e fizesse morrer Jesus. De novo, perguntou-lhes o governador: Qual dos dois quereis que eu vos solte? Responderam eles: Barrabás! Replicou-lhes Pilatos: Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo? Seja crucificado! Responderam todos. Que mal fez ele? Perguntou Pilatos. Porém cada vez clamavam mais: Seja crucificado! Vendo Pilatos que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água, lavou as mãos perante o povo, dizendo: Estou inocente do sangue deste [justo]; fique o caso convosco! E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos! Então, Pilatos lhes soltou Barrabás; e, após haver açoitado a Jesus, entregou-o para ser crucificado. Logo a seguir, os soldados do governador, levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte. Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlate; tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, na mão direita, um caniço; e, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos judeus! E, cuspiendo nele, tomaram

o caniço e davam-lhe com ele na cabeça. Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias vestes. Em seguida, o levaram para ser crucificado.”

Mateus 27.11-32

A responsabilidade que estava sobre os ombros do Governador da Judéia não era pequena; imagine você no lugar dele, tendo que tomar a decisão do que seria feito de Jesus Cristo!

## **TROCANDO DE LUGAR COM PILATOS**

Coloque-se no lugar dele nesta hora e tente imaginar você tendo que decidir o que fazer de Cristo. Por um lado você sabe que está lidando com alguém sem igual, cujos milagres e ensino arrebanhava as multidões, e dele se dizia ser o Filho de Deus. De outro, você tem uma multidão alvoroçada por seus líderes que exige a morte dele.

A acusação contra Jesus, de que ele era o Rei dos judeus, não apenas confrontava a autoridade de Herodes, rei dos judeus, e a de Pilatos, Governador da Judéia, como também poderia trazer problemas quanto à autoridade do próprio César e gerar problemas dentro da estrutura de governo de Roma. Só que Pilatos sabia que o homem era inocente, e que o entregaram por inveja. Mas por outro lado, para que comprar briga com a multidão que ele, como



político, deveria agradar em vez de contrariar, se isto somente colocaria sua cabeça a prêmio?

Mas o juiz não quer ser injusto, principalmente porque tem que lidar não somente com sua consciência, como também com o aviso que sua mulher lhe mandara de não se envolver na questão de tal justo...

Desde a primeira vez em que, mentalmente, troquei de lugar com Pilatos, assombrei-me com o peso da sua responsabilidade. Não se tratava apenas de decidir o futuro de um homem, mas o mundo todo seria afetado diretamente pelo resultado daquele tribunal; não só na dimensão natural, mas principalmente na espiritual. A grandeza do que ocorria ali era tamanha que as preocupações políticas e religiosas dos judeus e romanos tornavam-se insignificantes.

Você gostaria de estar ali, no lugar deste governador?

Quando nos transportamos para o que realmente era a situação, creio que ninguém gostaria de trocar de lugar com Pilatos, exceto talvez pelo fato de que iríamos querer defender Jesus pela luz e conhecimento que hoje possuímos.

Mas o que tenho aprendido com as Sagradas Escrituras é que cada um de nós terá de enfrentar o papel que um dia foi exercido por Pilatos. Não em um tribunal romano, mas onde vivemos. Não

diante dos judeus, e sim diante dos nossos familiares e amigos. Não fisicamente, mas espiritualmente. Pois o tribunal se repete nos dias de hoje e na vida de cada um de nós.

## **O JULGAMENTO SE REPETE**

Permita-me provar-lhe pela Bíblia que eventos da história podem voltar a ocorrer hoje. Logicamente, não se trata de um círculo natural de repetição, mas espiritual. Por exemplo, a crucificação de Jesus é um evento histórico que data quase dois milênios; é algo inegavelmente passado, mas que pode se repetir espiritualmente na vida daqueles que agem à semelhança dos que um dia o crucificaram. Veja o que diz a Palavra de Deus:

“É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia.”

Hebreus 6.4-6

Observe a frase: “visto que, de novo, estão

crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia”. Não quero fazer nenhuma análise teológica do texto, apenas mostrar que é possível repetir, hoje, a crucificação de Cristo. E se é possível crucificá-lo novamente, então também é possível repetir o mesmo tribunal que o condenou à cruz! Quando a Bíblia fala sobre crucificar Jesus de novo, ela está falando em figura da repetição da rejeição que os judeus tiveram para com ele. E está também nos mostrando que esta rejeição começou diante de Pilatos com uma decisão e um julgamento. E este julgamento, por sua vez, também se repete em nossos dias e nas nossas vidas a partir do momento que exercemos o direito de escolha que Deus nos concedeu, também chamado de livre arbítrio ou autodeterminação, para tomarmos nossa decisão pessoal sobre Cristo.

Pode ser que como eu, você nunca quis estar no lugar de Pôncio Pilatos, mas preciso comunicá-lhe que você tem que tomar a mesma decisão. O julgamento está se repetindo em sua vida, e agora é a sua vez de decidir o que fazer de Jesus, chamado Cristo.

Há um perfeito paralelo entre o que aconteceu naquele dia em Jerusalém e o que acontece atualmente, não importa onde estejamos. Este paralelo não é só o da decisão propriamente dita, mas de todo o “pacote”, por assim dizer. Pois o que expe-

rimentamos hoje são os mesmos medos, temores e receios que Pilatos também experimentou. Nesta hora de decisão provamos da mesma pressão que o governador da Judéia provou, seja por parte do conceito do povo, dos religiosos, ou mesmo dos demais governantes.

Portanto, convido você a examinar comigo os detalhes deste julgamento; sejam aqueles que estão mais ligados ao juiz, ou aqueles que o pressionam

## POR QUE JESUS FOI JULGADO?

De nada adianta enfatizarmos que o tribunal onde Cristo foi julgado volta a repetir-se hoje, se não compreendermos cada detalhe do que ocorreu ali. Sem estas informações, podemos partir de conceitos errados e julgar mal; mas com elas, nossa visão se ampliará e a possibilidade de repetirmos o erro do governador diminuirá.

A pergunta mais importante que deveríamos nos fazer como ponto de partida, é: “Por que Jesus foi julgado?” Qual a verdadeira razão dele ter sido levado a juízo?

Da boca do próprio Pilatos encontramos a resposta. Basta observar a tentativa de interrogar Jesus: “Jesus estava em pé ante o governador; e este o interrogou, dizendo: És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes” (Mt 27.11).

A acusação contra o Mestre era a de que Ele era o Rei dos judeus, o que também se percebe claramente quando vemos o relato da crucificação:

“Por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS.”

Mateus 27.37

E quero ainda chamar sua atenção para um outro texto, mais rico em detalhes, e registrado pelo apóstolo João, que demonstra o quanto Pilatos fez questão de deixar claro qual era o motivo da acusação terminada em morte (ou execução) contra Jesus Cristo:

“Pilatos escreveu também um título e o colocou no cimo da cruz; o que estava escrito era: JESUS NAZARENO, O REI DOS JUDEUS. Muitos judeus leram este título, porque o lugar em que Jesus fora crucificado era perto da cidade; e estava escrito em hebraico, latim e grego. Os principais sacerdotes diziam a Pilatos: Não escrevas: Rei dos judeus, e sim que ele disse: Sou o rei dos judeus. Respondeu Pilatos: O que escrevi, escrevi.”

João 19.19-22

Todo o julgamento de Jesus tinha a ver com o fato de ele ser ou não Rei. Há detalhes na narra-

tiva do evangelho segundo João, que Mateus não forneceu, mas eles se complementam. Creio que é importantíssimo analisá-los:

“Depois, levaram Jesus da casa de Caifás para o pretório. Era cedo de manhã. Eles não entraram no pretório para não se contaminarem, mas poderem comer a Páscoa. Então, Pilatos saiu para lhes falar e lhes disse: Que acusação trazeis contra este homem? Responderam-lhe: Se este não fosse malfeitor, não to entregaríamos. Replicou-lhes, pois, Pilatos: Tomai-o vós outros e julgai-o segundo a vossa lei. Responderam-lhe os judeus: A nós não nos é lícito matar ninguém; para que se cumprisse a palavra de Jesus, significando o modo por que havia de morrer. Tornou Pilatos a entrar no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus?”

João 18.28-33

Até aqui percebemos que o caso só foi levado para ser julgado por Pilatos no Pretório porque a intenção dos judeus era a morte de Jesus, e caso o julgassem segundo suas próprias leis isto de maneira alguma aconteceria. E o próprio governador compreendeu que a grande polêmica estava na questão de Jesus ser visto como rei. Mesmo quando o termo “rei” não era usado claramente, ele era inferido, pois o termo grego “Cristo” é equivalente ao termo hebraico

“Messias”, e ambos significam “Ungido”, que por sua vez era uma alusão profética das Escrituras ao descendente de Davi que viria para reinar com poder e justiça e estabelecer a paz. Esta era a acusação contra Jesus, e Pilatos tentou conversar sobre isto:

“Tornou Pilatos a entrar no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: És tu o rei dos judeus? Respondeu Jesus: Vem de ti mesmo esta pergunta ou tu disseram outros a meu respeito? Replicou Pilatos: Porventura, sou judeu? A tua própria gente e os principais sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste? Respondeu Jesus: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui. Então, lhe disse Pilatos: Logo, tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que sou rei. Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade ouve a minha voz. Perguntou-lhe Pilatos: Que é a verdade? Tendo dito isto, voltou aos judeus e lhes disse: Eu não acho nele crime algum.”

João 18.33-38

Ao ser indagado por Pilatos se era ou não rei, Jesus lhe faz uma pergunta direta: “Você me pergunta isto por ser sua opinião, ou somente por



causa do que lhe disseram?” E isto deve nos fazer lembrar que nossa decisão pessoal sobre o que fazer de Jesus, chamado Cristo deve ser com base na nossa própria opinião e não na dos outros!

O Senhor Jesus também deixou claro em seu diálogo com Pilatos, que não apenas era chamado rei, mas que nascera e viera ao mundo para isto! Esta era sua missão celestial, estabelecer o Reino de Deus, e ele revela a amplitude do seu reinado quando diz: “meu reino não é deste mundo”. Ou em outras palavras, ele dizia: “Enquanto vocês se preocupam comigo se vou assumir ou não um reinado físico, quero que saibam que meu reino é espiritual”. Ao dizer que seu reino era de outro mundo, Jesus enfatizou a dimensão espiritual do Reino de Deus. Mais do que governar uma nação ou reino físico, Deus está interessado nos nossos corações! Por isso, Cristo já vinha ensinando os seus discípulos e até opositores que não criassem uma expectativa da expressão meramente física do Reino de Deus, pois antes de mais nada o que o Pai Celestial queria atingir era o íntimo dos homens:

“Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós.”

Lucas 17.20,21

Então, na conversa com Pilatos, fica esclarecido que Jesus realmente havia vindo ao mundo para reinar, mas que como o reino que ele estava estabelecendo era numa outra dimensão - a espiritual - nada daquilo, nem mesmo a morte poderia atrapalhar o plano divino. E Jesus ainda afirma que se quisesse, colocava os anjos todos para fazerem guerra e defendê-lo, mas que isto não era preciso. Vamos continuar analisando o texto. Pilatos oferece um preso para ser solto:

“É costume entre vós que eu vos solte alguém por ocasião da Páscoa; quereis, pois, que vos solte o rei dos judeus? Então, gritaram todos, novamente: Não este, mas Barrabás! Ora, Barrabás era salteador.”

João 18.39,40

O julgamento de Jesus não existiu, o que ocorreu lá foi politicagem, injustiça e abuso de poder. E violência, muita violência:

“Então, por isso, Pilatos tomou a Jesus e mandou açoitá-lo. Os soldados, tendo tecido uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e vestiram-no com um manto de púrpura. Chegavam-se a ele e diziam: Salve, rei dos judeus! E davam-lhe bofetadas. Outra vez saiu Pilatos e lhes disse: Eis que eu vo-lo apresento, para que saibais que eu não acho

nele crime algum. Saiu, pois, Jesus trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Disse-lhes Pilatos: Eis o homem!”

João 19.1-5

Não apenas espancaram e machucaram a Jesus, mas o humilharam publicamente com cuspidas e escárnios; e debocharam dele vestindo-o como rei, com um manto escarlata e uma coroa, mas não a coroa da qual ele era digno; foi uma zombaria de coroa, feita com espinhos que lhe perfuravam a testa e a cabeça. Açoitaram-no também. Mas nenhuma tortura ou mal que lhe fizeram roubaram seu amor, doçura, mansidão e dignidade! E sua inocência continuou transpa-recendo, bem como o fato de ele ali estar se devia às “acusações” de ser ele rei.

E um novo diálogo aconteceu. Nele o governador tentou intimidar Jesus reconhecendo que em suas mãos (que ele lavou depois) estava o poder de soltá-lo ou matá-lo; mas Cristo demonstrou que estava seguro e confiante nos desígnios divinos, e que a autoridade e reinado de Deus estava muito acima do reinado humano, que por sua vez está em submissão ao primeiro, mesmo que nem saiba! Acompanhe a narrativa:

“Ao verem-no, os principais sacerdotes e os seus guardas gritaram: Crucifica-o! Crucifica-o! Dis-

se-lhes Pilatos: Tomai-o vós outros e crucificai-o; porque eu não acho nele crime algum. Responderam-lhe os judeus: Temos uma lei, e, de conformidade com a lei, ele deve morrer, porque a si mesmo se fez Filho de Deus. Pilatos, ouvindo tal declaração, ainda mais atemorizado ficou, e, tornando a entrar no pretório, perguntou a Jesus: Donde és tu? Mas Jesus não lhe deu resposta. Então, Pilatos o advertiu: Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar? Respondeu Jesus: Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada; por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem.”

João 19.6-11

E então João encerra sua descrição do evento comprovando não somente a preocupação de Pôncio Pilatos com a repercussão política do assunto, como também que toda acusação e argumentação ocorrida no pretório girava em torno de uma só questão: se Jesus era ou não rei:

“A partir deste momento, Pilatos procurava soltá-lo, mas os judeus clamavam: Se soltas a este, não és amigo de César! Todo aquele que se faz rei é contra César! Ouvindo Pilatos estas palavras, trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Pavimento, no hebraico Gabatá. E era

a parasceve pascal, cerca da hora sexta; e disse aos judeus: Eis aqui o vosso rei. Eles, porém, clamavam: Fora! Fora! Crucifica-o! Disse-lhes Pilatos: Hei de crucificar o vosso rei? Responderam os principais sacerdotes: Não temos rei, senão César! Então, Pilatos o entregou para ser crucificado.”

João 19.12-16

## **E O NOSSO JULGAMENTO?**

Diante de todos, naquele pretório, Pilatos teve que decidir o que fazer de Jesus chamado Cristo. Se o reconheceria como rei ou se o rejeitaria, mandando-o assim para a cruz. E infelizmente ele decidiu mal.

Mas a história se repete num verdadeiro paralelo espiritual. E agora é sua vez de decidir o que fazer de Jesus chamado Cristo. Mas lembre-se, o que está em questão é se Jesus é ou não rei. Não perca isto de vista e não julgue por outras razões.

Há muita gente que se simpatiza com Jesus. O próprio Pilatos ficou impressionado com Jesus; ele não se defendeu de seus acusadores, não abriu sua boca, antes permaneceu como ovelha muda em toda tortura que recebeu. Todo o seu histórico atestado pelo povo, era somente de amor e caridade, e some-se a isto os milagres e prodígios que Ele realizou. Pilatos viu sua inocência e justiça e balançou diante do Senhor Jesus. Mas admiração não basta! Muita gente hoje acha Jesus uma pessoa maravilhosa,

acham seus ensinamentos lindos, seus milagres mais ainda; dizem crer nele e tudo o mais, mas quando olhamos para as suas vidas, percebemos que Cristo pode ser tudo para elas, menos rei! E ao não aceitá-lo como rei, estão rejeitando a razão de sua vinda à terra, pois ele mesmo disse que nasceu e veio a este mundo para ser rei. Se você não aceita que Jesus é rei, pode até admirá-lo, mas será uma admiração assassina, como a do governador da Judéia, que mesmo admirando-o, mandou-o para a cruz. Será uma fé incompleta que o crucificará de novo.

Quando a Bíblia fala de reino, está falando de governo, de senhorio. Está dizendo que Jesus deve controlar nossas vidas, que Ele terá autoridade completa e soberana sobre nossa vida.

## **COMPREENDENDO O SENHORIO**

Um termo muito usado nas Escrituras é “senhor”. Fala do amo que governava seu escravo. Senhor era aquela pessoa que tinha um servo obediente, e podia também ser vista como “dono”. Portanto, cada vez que a Palavra de Deus usa estes termos, mostra uma relação de completa submissão ao Senhor Jesus Cristo.

Quando olhamos para o ensino da salvação, vemos uma coisa vinculada à outra; é necessário compreender e submeter-se ao senhorio de Jesus:

“Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação. Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido. Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam. Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.”

Romanos 10.9-13

O que lemos neste texto? Que o coração tem que crer em Jesus; mas note que não é um tipo de fé genérica, que crê que Ele existe e só; é um tipo de fé bem específica que crê em Jesus como SENHOR. Depois a Bíblia enfatiza que Deus é SENHOR de todos os que o invocam, e termina dizendo que quem invocar o nome do SENHOR será salvo. Não há salvação para alma alguma que não reconheça a Jesus como Senhor. Não interessa se ela simpatiza com Jesus, se vai à igreja, se é religiosa, se faz boas obras; nada disto tem valor quando Jesus não é reconhecido como Senhor!

Se em seu julgamento você decidir que ele é de fato rei e abrir seu coração para servi-lo e seguí-lo fielmente, você será salvo, Mas se o rejeitar e mandá-lo de novo para a cruz... não há salvação. Portanto

cuidado. Sua decisão é séria demais.

Existe uma diferença muito grande entre começar a seguir Jesus e segui-lo até o fim. Há os que começam a edificar sua vida cristã e tentam viver de uma forma correta mas depois não agüentam as pressões e acabam sucumbindo e desmoronando na fé. O que os diferencia daqueles outros que permanecem inabaláveis, aconteça o que acontecer? É exatamente a forma como edificaram suas vidas, se estavam ou não baseados no SENHORIO de Cristo. Jesus ensinou sobre isto:

“Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando? Todo aquele que vem a mim, e ouve as minhas palavras, e as pratica, eu vos mostrarei a quem é semelhante. É semelhante a um homem que, edificando uma casa, cavou, abriu profunda vala e lançou o alicerce sobre a rocha; e, vindo a enchente, arrojou-se o rio contra aquela casa e não a pôde abalar, por ter sido bem construída. Mas o que ouve e não pratica é semelhante a um homem que edificou uma casa sobre a terra sem alicerces, e, arrojando-se o rio contra ela, logo desabou; e aconteceu que foi grande a ruína daquela casa.”

Lucas 6.46-49

As palavras de Jesus foram diretas. Não adianta chamá-lo de Senhor e não fazer o que Ele



manda. Tê-lo como Senhor é obedecê-lo. Tem muita gente por aí dizendo que crê em Cristo, e não obedece sua Palavra, não faz nada do que Ele manda através da Bíblia. A ordem que Jesus deu aos apóstolos na ocasião em que foi assunto aos céus foi de fazer discípulos de todas as nações e ensinar-lhes a guardar todas as coisas que Ele havia ensinado (Mt 28.19).

Discípulo é aquele aprendiz que obedece seu senhor, que guarda e pratica seus ensinamentos. Seguir a Cristo é estar totalmente comprometido com Ele e sua Palavra. Não é ter uma fé nominal apenas. Não é dizer que é um cristão NÃO-PRACTICANTE como tanta gente diz nestes dias; ou você é praticante ou não é cristão! Quem constrói sua casa espiritual sem ser praticante, vai vê-la desabar quando vierem as tempestades da vida. Mas aquele que é obediente e comprometido em praticar a Palavra de Deus e vive verdadeiramente sob o senhorio de Jesus Cristo, este ficará firme e inabalável na hora da adversidade.

Isto é um fato: Jesus não só não reconhece como discípulo aquele que não pratica seus ensinamentos, como ainda declarou que se a pessoa insistir em parecer ser discípulo, sem contudo ter o vínculo da obediência, ela não agüentará ir além das tempestades e oposições que virão contra sua fé. O que nos faz verdadeiramente discípulos é a submissão ao SENHORIO de Cristo. É reconhecê-lo como Senhor,

Amo, Dono, Governante de nossas vidas. E isto é um compromisso de alto nível!

## **ALTO NÍVEL DE COMPROMISSO**

Pilatos não aceitou Jesus como Rei; se o tivesse feito, teria que submeter-se a um compromisso de alto nível, e ele, como governante que era, sabia muito bem disto. Mas se você que quer a vida eterna e a salvação que vem por meio de Jesus, optar pelo único meio que o levará a isto, que é reconhecê-lo como Senhor, então terá que submeter-se a um compromisso de alto nível. Ele ensinou sobre isto:

“Grandes multidões o acompanhavam, e ele, voltando-se, lhes disse: Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos, e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo.”

Lucas 14.25-27

Deus exige que o coloquemos em primeiro lugar, antes mesmo dos relacionamentos de maior vínculo como é o caso de nossos familiares. Jesus não disse haver a possibilidade de dois tipos de discípulo: um comprometido e outro não. De jeito nenhum! Ele afirmou taxativamente que ou a pessoa

assume o alto nível de compromisso renunciando até a si mesma, ou NÃO PODE ser discípulo! Esta é uma declaração forte: não poder ser discípulo. Ou a pessoa veste a camisa e submete-se mesmo ao senhorio de Jesus, ou não será aceita. E não é uma questão de ser ou não aceita por um grupo ou igreja; não se trata de aceitação humana, mas divina. É Jesus quem não aceita!

E sabe porque o Mestre disse isto? O texto bíblico começa dizendo que as multidões o seguiam. E Jesus sabia que eles não estavam entendendo o que era segui-lo. Enquanto Ele estava operando milagres, curando os enfermos, libertando os oprimidos, o povo estava lá; mas o evangelho não é apenas isto. Não é só bênçãos e milagres; não é apenas a provisão de necessidades, mas há o lado da submissão ao senhorio de Jesus! Não importa quais sejam as circunstâncias, boas ou ruins; não importa qual seja o clima, se faz sol ou chuva, frio ou calor, dia normal ou de eclipse, temos que seguir sempre a Jesus. Muita gente o abandona na primeira dificuldade. Outros seguem-no desde que isto não lhes crie problemas. Mas o que o Senhor espera de nós é entrega total; é alto nível de compromisso. É colocá-lo acima de nós mesmos e de nossos familiares.

A cruz era um símbolo de morte naqueles dias, pois era onde o império romano executava muitos condenados. Tomar a cruz, nas palavras de Jesus, sig-

nificava decidir morrer; significava voluntariamente entregar-se à morte. É claro que não se trata de morte física, mas de morrer para si mesmo, para os sonhos, desejos e vontades pessoais, se necessário.

Antes de seguirmos a Cristo precisamos entender claramente o que é isto. Temos que calcular o custo do compromisso e saber se iremos até o fim, caso contrário é melhor nem entrar nele. As duas alegorias que Jesus conta nos versículos que vem imediatamente após estas palavras de renúncia que transcrevemos, ilustra com perfeição isto:

“Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir? Para não suceder que, tendo lançado os alicerces e não a podendo acabar, todos os que a virem zombem dele, dizendo: Este homem começou a construir e não pôde acabar. Ou qual é o rei que, indo para combater outro rei, não se assenta primeiro para calcular se com dez mil homens poderá enfrentar o que vem contra ele com vinte mil? Caso contrário, estando o outro ainda longe, envia-lhe uma embaixada, pedindo condições de paz. Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo.”

Lucas 14.28-33

Temos aqui dois tipos de empreendimentos: um é construir uma torre e o outro é guerrear contra um outro reino. Jesus diz que tanto em um como outro, é melhor calcular o quanto isto custará e ver se dará para ir até o fim; caso contrário, é melhor nem começar. Seguir Jesus é como edificar esta torre, pois há toda uma vida de crescimento espiritual que será vivida e não podemos parar no meio da construção. Seguir Jesus também é semelhante a entrar numa guerra, e saiba que é isto o que acontecerá mesmo; as pessoas se colocarão contra você, às vezes até mesmo os familiares e amigos. É guerra contra o pecado, contra alguns desejos da carne, contra o sistema maligno que domina este mundo e é guerra contra os poderes das trevas e do inferno.

Precisamos pegar papel e caneta e alistar o quanto nos custa para ver se podemos ir até o fim, e o que Jesus está fazendo é nos mostrar o quanto custa. Custa tudo o que você tem. Custa tudo o que você é. Ele passa a ser prioridade total. Custa tomar a cruz e negar-se a si mesmo. Custa RENUNCIAR a familiares e a amigos se isto comprometer sua obediência a Cristo. Não falo de deixar de relacionar-se com eles, mas de ter confrontos. Custa caro! E você deve calcular para decidir com consciência. E tendo decidido deve ficar firme até o fim!

À semelhança de Pôncio Pilatos você tem que decidir. Não se Jesus é ou não inocente, pois o

governador sabia que Jesus tinha sido entregue por inveja, e o sonho de sua mulher havia sido bem claro em alertar: Ele era justo. Nestas questões Pilatos foi bem em reconhecer as coisas como eram. Lavou as mãos dizendo estar inocente do sangue de um justo, e até aí ele foi bem. Mas não reconheceu Jesus como o Cristo, o Ungido de Deus. Não o reconheceu como Rei, como Senhor a quem prestar obediência. A maioria das pessoas decide bem em sua repetição do tribunal de Cristo, só até aí. Reconhecem Jesus como justo e inocente. Falam de seu ensino como algo lindo. Crêem nele e até o adoram e reverenciam. Mas na hora de obedecer e viver sua Palavra e seus ensinamentos não o fazem. Na hora de reconhecerem-no como Rei e Senhor não o fazem. Então, não interessa se o acharam inocente e justo, se não o reconhecem como Senhor a ponto de prestar obediência e submissão, então, estão condenando-o à cruz como Pilatos fez. Estão crucificando-o de novo e expondo-o à vergonha novamente. Estão rejeitando-o, embora

## A OMISSÃO DE PILATOS

Logo no início procurei deixar claro que o julgamento não existiu; na verdade foi uma farsa. Estou dizendo que o que se entende por julgamento, que é analisar justa e imparcialmente uma causa e defendê-la com justiça, transparência e integridade, não aconteceu. É lógico que como evento histórico ele existiu e a Bíblia atesta isto. Ele também se repete em nossas vidas num perfeito paralelo espiritual e cada um de nós tem de decidir o que fazer de Jesus chamado Cristo. Mas o governador romano não agiu como deveria, e quero alertá-lo para que não siga seu exemplo e possa decidir bem. Fora isto, ele tinha quase tudo o que cada tribunal num julgamento tem: o juiz, o réu, os acusadores, platéia, só não teve quem o defendesse. E o único que poderia ter feito isto - Pilatos - não fez.

Mas Jesus poderia ter feito sua própria defesa,

e não fez. E hoje o paralelo continua se repetindo. Ele não vai aparecer para você em nenhum sonho ou visão para tentar convencê-lo de que é Rei e deve ser seguido. Cristo apenas afirmou a Pilatos que para isto nasceu e veio ao mundo: para ser rei. Também disse que seu reino não é daqui mostrando a natureza espiritual e não física do reino (embora haja claras promessas na Bíblia de que Jesus virá novamente a este mundo para estabelecer seu reino numa dimensão física); mas em momento nenhum tentou convencer Pilatos a nada. Ele não se defendeu naquela ocasião há dois mil anos atrás e não vai defender-se hoje. No livro do profeta Isaías, no velho Testamento, encontramos centenas de anos antes da manifestação do Cristo, uma profecia que já mostrava esta característica em Jesus:

“Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca.”

Isaías 53.7

Sua decisão também não contará com a autodefesa de Cristo. Você deve analisar muito bem esta questão, e decidir prá valer. Mas decida amigo, decida por você mesmo!

Permita-me mostrar-lhe neste capítulo que o



grande erro de Pilatos foi sua omissão na decisão. Ele deixou que decidissem por ele e não fez O QUE SÓ ELE DEVERIA FAZER: tomar sua própria decisão e emitir seu próprio juízo! E é importantíssimo entender o que o levou a isto para que nós não sejamos igualmente induzidos a transferir a responsabilidade de julgar e decidir.

Existe um ensino enganoso por aí que diz que é Deus quem decide quem vai e quem não vai ser salvo, e que nada podemos fazer a respeito. Isto é distorção da Bíblia, pois Deus nunca escolheu uma pessoa para salvação e outra para perdição; as Escrituras são claras quando afirmam que “Deus deseja que todos os homens se salvem e cheguem ao pleno conhecimento da verdade” (1 Tm 2.5). Quem decide o que fazer com a salvação que Deus oferece por meio de Jesus, somos nós. E tudo começa com uma decisão: o que fazer de Jesus chamado Cristo. Foi Jesus mesmo quem ensinou isto:

“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.”

João 3.16

A expressão “todo o que nele crê” mostra que é quem crê em Jesus que recebe a vida eterna. E crer no Senhor Jesus é uma decisão que pertence a cada um.

## **A NECESSIDADE DE DECISÃO**

Há vários textos na Palavra de Deus que mostram que ao homem é facultado o direito de escolha. É o que chamamos de auto-determinação ou livre arbítrio.

O Pai celestial não nos criou como se fôssemos robôs programados para fazer só a sua vontade. Deu-nos o direito de escolha e, ainda que isto nos pudesse fazer voltar-se contra ele, capacitou-nos com o poder de escolha e decisão, o que valoriza a atitude de amor e obediência de nossa parte porque não é imposta.

Desde o início da relação Deus-homem apresentada na Bíblia, no jardim do Éden, o homem é visto com o direito de escolha. O Senhor lhe disse o que deveria fazer: lavrar e guardar o jardim (Gn 2.15); e também a única coisa que não poderia fazer: comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.16,17). E por favor, não diga que era um pé de maçã, pois não suporto ouvir isto! A Bíblia diz que era uma árvore espiritual, com o poder de afetar espiritual-mente a vida do homem. Até ser separado de Deus pelo pecado o homem convivia livremente com as duas dimensões: o reino natural e o espiritual. Enfim, Deus disse o que não podia e porque não podia, mas não impediu o homem de desobedecer. Boas escolhas trariam boas conseqüências, e más

escolhas trariam más conseqüências, mas quem tinha que pesar as coisas e decidir era o homem, e isto nunca foi inibido por Deus.

Um texto que mostra nitidamente que o Senhor nos faculta a escolha, encontra-se no Pentateuco, uma das primeiras porções escritas da Bíblia:

“Vê que proponho, hoje, a vida e o bem, a morte e o mal; se guardares o mandamento que hoje te ordeno, que ames o Senhor, teu Deus, andes nos seus caminhos, e guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, então, viverás e te multiplicarás, e o Senhor, teu Deus, te abençoará na terra à qual passas para possuí-la. Porém, se o teu coração se desviar, e não quiseses dar ouvidos, e fores seduzido, e te inclinares a outros deuses, e os servires, então, hoje, te declaro que, certamente, perecerás; não permanecerás longo tempo na terra à qual vais, passando o Jordão, para a possuíres.”

Deuteronômio 30.15-18

Note que o Senhor Deus não apenas diz que há dois caminhos, mas é justo em advertir quais as conseqüências de cada caminho. Depois, na continuação da mesma palavra, Ele enfatiza a escolha e opina qual a escolha correta:

“Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas

contra ti, que te propus a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua descendência, amando o Senhor, teu Deus, dando ouvidos à sua voz e apegando-te a ele; pois disto depende a tua vida e a tua longevidade; para que habites na terra que o Senhor, sob juramento, prometeu dar a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó.”

Deuteronômio 30.19,20

Durante a história de Israel (o primeiro povo a quem Deus se revelou, fazendo uma aliança com os patriarcas da nação), muitas vezes esse povo misturava suas crenças com as dos outros povos que não temiam a Deus, e em vez de escolhas, faziam misturas. Ainda hoje isto acontece muito; em vez de escolherem entre Deus e o pecado, as pessoas tentam misturar os dois e ficar com um pouco de cada. Um exemplo vivo disto é o carnaval, onde depois de vários dias de festa, imoralidade, bebedeira, drogas e tantas outras coisas nocivas ao ser humano, a religião ainda sustenta que tudo deve terminar numa quarta-feira de cinzas e “arrependimento”! Planeja-se o pecado e seu posterior arrependimento antes de tudo acontecer. Isto é uma forma de não ter que escolher, mas poder misturar as duas coisas... Só que o detalhe é que Deus não aceita isto. Nunca aceitou e jamais aceitará! Cada vez que isto aconteceu com o seu povo, o Senhor exigiu uma postura, uma decisão.

Quero mostrar isto em dois textos que refletem esta exigência em duas ocasiões distintas:

“Agora, pois, temei ao Senhor e servi-o com integridade e com fidelidade; deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais dalém do Eufrates e no Egito e servi ao Senhor. Porém, se vos parece mal servir ao Senhor, escolhei, hoje, a quem sirvais: se aos deuses a quem serviram vossos pais que estavam dalém do Eufrates ou aos deuses dos amorreus em cuja terra habitais. Eu e a minha casa serviremos ao Senhor.”

Josué 24.14,15

Estas palavras são de Josué, o sucessor de Moisés e quem fez o povo entrar na terra prometida. Note que ele usa a palavra “escolhei”. As seguintes são de Elias, profeta que confrontou muito sua geração por seus pecados:

“Então, Elias se chegou a todo o povo e disse: Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-o; se é Baal, segui-o. Porém o povo nada lhe respondeu.”

1 Reis 18.21

Inicialmente o povo nada respondeu, embora depois de terem visto uma grande manifestação de Deus tenham se prostrado e declarado que o Senhor

era Deus e não Baal. Mas este silêncio mostra que as pessoas não somente tem uma tendência às misturas (em vez de escolhas), como teimam em permanecer nelas! Precisamos aprender a decidir, e decidir bem.

## **A OMISSÃO DE PILATOS**

A grande e principal falha de Pilatos foi não ter usado seu direito e também dever de decisão. Ele não culpou nem absolveu Cristo, deixou o povo fazer isto.

Mencionamos a pressão política na qual ele se encontrava. Os judeus o pressionaram publicamente com estas palavras: “Se soltares a este, não és amigo de César; todo aquele que se faz rei é contra César” (Jo 19.12). Mas não era apenas o temor de se indispor com Roma, mas também o de perder a influência sobre os judeus; ele precisava agradar, manter sua popularidade e um confronto e desgaste tinha que ter uma razão muito séria, o que ele não via no julgamento de Jesus. Além disto havia o lado pessoal; inocentar Jesus publicamente implicava em parecer-se com um seguidor dele; implicava em estar admitindo que Jesus era rei, e isto lhe custaria caro, não só politicamente como também para seu próprio orgulho.

No meio de toda esta pressão, parecia-lhe mais sábio não decidir. Mas uma decisão tinha que ser tomada, afinal de contas era um julgamento! Que fazer, então? E aí que ele toma a atitude de decidir

sem ter que decidir. Ou seja, apenas administrar a decisão coletiva, transferindo a responsabilidade ao povo e deixando que eles conduzissem a situação.

O governador queria fazer isto sem parecer que estava fazendo. Ele sabia que o povo estava contra Cristo, e não o entregou assim abertamente aos acusadores. Pilatos tentou uma saída mais clássica, soltar Jesus sem parecer que o soltava por achá-lo inocente. Era comum perdoar e soltar um preso (culpado e julgado como tal) na páscoa, uma data religiosa no calendário judeu. Então, em vez de defender a inocência de Jesus, o que não seria aceito pelos judeus, ele propõe soltar Jesus como se fosse um preso sendo perdoado. Com isto ele estaria condenando Jesus e ao mesmo tempo aplacava sua consciência ao soltá-lo. Só que Pilatos não queria fazer isto tendo a decisão sobre si. Ele faz o povo escolher entre o que lhe parecia ruim e o pior. O ruim era ter Jesus tão perto da prisão e vê-lo solto, mas aos olhos de Pilatos, o que ele lhes propõe em seguida parecia ser pior: soltar Barrabás, um preso notório da época condenado à pena de morte por sedição e homicídio. O governador achou que o povo morderia a isca, e preferiria soltar Jesus em vez de Barrabás, mas não deu certo! O povo escolheu o homicida e pediu a morte de Jesus. Pilatos tentou contra-argumentar, mas somente tentando mudar a opinião da multidão, sem tomar sua própria decisão. Foi em vão. Vendo

que não conseguia manipular o povo, entregou-se à vontade da maioria e condenou Jesus, fazendo um teatro para sua própria consciência – lavar as mãos e dizer com isto: eu sou inocente e vocês culpados. Mas o que ele não parecia perceber era que sua omissão significava CUMPLICIDADE; ou seja, o governador lavou as mãos, mas elas permaneceram sujas com sangue inocente.

O grande erro de Pilatos foi não decidir. Ele deixou que os outros fizessem isto por ele. Deus espera que você decida, mas não pense que você está assim tão distante de sofrer a pressão que sofreu o governador romano, só pelo fato de não ser um político.

O problema de Pilatos não era a política, mas um sentimento que está dentro de todo ser humano, e que eu chamo de transferência de responsabilidade. A humanidade é assim desde o princípio. As Sagradas Escrituras relatam que desde que o primeiro casal pecou já passou a existir este comportamento:

“Quando ouviram a voz do Senhor Deus, que andava no jardim pela viração do dia, esconderam-se da presença do Senhor Deus, o homem e sua mulher, por entre as árvores do jardim. E chamou o Senhor Deus ao homem e lhe perguntou: Onde estás? Ele respondeu: Ouvi a tua voz no jardim, e, porque estava nu, tive medo, e me escondi. Perguntou-lhe



Deus: Quem te fez saber que estavas nu? Comeste da árvore de que te ordenei que não comesses? Então, disse o homem: A mulher que me deste por esposa, ela me deu da árvore, e eu comi. Disse o Senhor Deus à mulher: Que é isso que fizeste? Respondeu a mulher: A serpente me enganou, e eu comi.”

Gênesis 3.8-13

Observe que quando Deus pergunta a Adão o que ele fez, não há uma admissão de culpa, mas uma transferência de responsabilidade. Ele diz: “A mulher que o Senhor me deu foi quem me deu de comer”. Com isto ele está praticamente dizendo duas coisas:

1) Se o Senhor não tivesse me arrumado a mulher, nada teria acontecido;

2) Se alguém tem que ser punido não sou eu, é ela. Com isto ele transferiu parte da culpa (de modo indireto) a Deus e o resto à sua esposa. E ela, por sua vez, ao ser questionada, também nada admitiu, mas transferiu a responsabilidade para a serpente: “A serpente me enganou, e eu comi”; com isto ela estava dizendo que errou não porque quis, mas porque foi enganada e pressionada a isto.

Todo ser humano sofre disto e ainda tem que lutar com sua necessidade de aceitação, porque é um ser social e não consegue viver isolado, o que leva a ceder muitas vezes à pressão da maioria.

Pilatos ouviu dois tipos de vozes: a advertência divina que veio pelo sonho de sua esposa e a voz do povo, da maioria.

A primeira voz, a advertência divina, veio sem pressão e sem cobrança, apenas como um aviso, como um conselho. É assim que Deus muitas vezes tem falado ao seu coração de muitas maneiras. Pode ser por uma pregação, pelo testemunho de alguém que já tem se decidido quanto ao senhorio de Jesus, pode ser por leituras bíblicas, e creio que nesta hora Ele está usando esta literatura como um canal para que a advertência divina chegue ao seu coração... São muitos os meios e maneiras que Deus usa, mas o fato é que Ele continuamente está enviando sua advertência a cada um de nós: “Veja bem o que você vai decidir; decida bem”.

A segunda voz que o governador ouviu, a voz da maioria, também chega a nós constantemente; mas, diferente da advertência divina, ela vem fazendo pressão, vem com cobranças e até com deboches: “Se o soltares não és amigo de César... você está reconhecendo-o como rei?” Esta voz se manifesta todos os dias, nas casas, lugares de trabalho, salas de aula, entre os amigos, em todo lugar! Cada vez que alguém tentar ouvir a advertência divina, ela estará lá dando contra. Ela não dá sossego a ninguém e confronta continuamente. A mentalidade da maioria das pessoas está contra o verdadeiro evangelho. Até

aceitam um pouco de religião, mas ao evangelho em sua essência e pureza, com seu alto nível de compromisso chamam de fanatismo, exagero, e coisas assim. Cristo nos advertiu que seria assim:

“Se o mundo vos odeia, sabeí que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia.”

João 15.18,19

Pôncio Pilatos fraquejou e não teve coragem de encarar a maioria. E se você decidir corretamente e aceitar o senhorio de Cristo, estará nadando contra a correnteza, estará andando na contra-mão do sistema. Terá de enfrentar a oposição de muita gente, e isto não acontece quando alguém se emociona com Jesus, mas quando se DECIDE por Ele. A decisão é algo racional e envolve fé e determinação; precisa de perseverança para não se ficar no meio do caminho. Mas temos uma promessa: “Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo.” (Mt 24.14).

Muita gente deixa de decidir e acaba permitindo que outros decidam por elas. Querem seguir a Cristo, mas não sabem lidar com a zombaria dos amigos que vão intitulá-lo como “careta” e “crente”. Não conseguem encarar a pressão e cobrança dos familiares por ferir a tradição. Mesmo que a maioria

nem pratique o que herdou dos ancestrais vivem dizendo: “Eu nasci assim e vou morrer assim”. E se alguém levar muito a sério a fé em Jesus vai parecer fora do normal!

Mas você não pode se espelhar em Pilatos, tem que fazer a diferença, tem que confrontar se for necessário, mas tem que decidir. Quase ninguém rejeita Cristo porque pondera a respeito e acha de fato melhor ficar sem ele; a verdade é que quem não se submete ao senhorio de Cristo está deixando os outros decidirem em seu lugar; a pessoa pode até estar querendo, mas não tem coragem de se decidir por Jesus!

Não vá no embalo da maioria, tome sua própria decisão e deixe que os outros tomem as deles. E não se esqueça: no que diz respeito à salvação de sua alma eterna, a omissão é seu pior inimigo. Foi o de Pilatos e será o seu.

Podemos cair no engano de pensar que a omissão é mais amena do que ir contra, mas é a mesma coisa; é cumplicidade. E o Senhor Jesus posicionou-se acerca disto, ensinando um princípio para o qual devemos atentar:

“Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha.”

Mateus 12.30

Se você não se posiciona decidindo-se por Jesus, ainda que esteja apenas deixando que outros escolham em seu lugar, você está em falta. Se não está defendendo ao Senhor Jesus como rei que é, então você está contra. Se não está ajuntando, então está espalhando. E se você acha radical, eu concordo, mas é assim, e quem decidiu que fosse assim foi o próprio Cristo. Se alguém tentar amenizar esta mensagem estará indo contra Cristo e a autoridade de sua Palavra. Não há desculpas, não há justificativas, temos que decidir o que fazer de Jesus chamado Cristo. E uma vez tomada a decisão, sustentá-la.

Já nos dias de Jesus havia aqueles que criam nele mas não tinham coragem de enfrentar a maioria para não perderem sua aceitação no meio dos judeus. A psicologia de grupo falava mais alto do que a fé do coração:

“Contudo, muitos dentre as próprias autoridades creram nele, mas, por causa dos fariseus, não o confessavam, para não serem expulsos da sinagoga; porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus.”

João 12.42,43

Não me admira que isto tenha ocorrido entre as autoridades! O orgulho sempre leva o homem a

esforçar-se para parecer o que não é. Quanta pose, quanto fingimento, quanta falsidade! Que falta de caráter, de identidade! Crer e fingir que não se crê a fim de não perder privilégios. Deus não aceita isto. Jesus disse que se alguém não quiser experimentar AS RENÚNCIAS, não pode ser seu discípulo.

Omissão – este foi o erro de Pilatos. Ele tinha uma decisão pessoal no coração, mas não teve coragem de sustentá-la. O mesmo ocorreu com estas autoridades em Israel. Criam em Jesus mas não tinham coragem de sustentar sua fé para não sofrer perda de privilégios.

Precisamos aprender não com estes, mas com os que fizeram as escolhas certas, ainda que custosas, como Moisés, por exemplo:

“Pela fé, Moisés, quando já homem feito, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, preferindo ser maltratado junto com o povo de Deus a usufruir prazeres transitórios do pecado; porquanto considerou o opróbrio de Cristo por maiores riquezas do que os tesouros do Egito, porque contemplava o galardão. Pela fé, ele abandonou o Egito, não ficando amedrontado com a cólera do rei; antes, permaneceu firme como quem vê aquele que é invisível.”

Hebreus 11.24-27

Este homem de Deus trocou o palácio em que crescera e fora educado, para estar entre os escravos de seu povo. Depois abandonou o Egito, passando anos no deserto. E sabe por que Ele fez estas trocas? O texto diz que foi porque contemplava o galardão. Há uma recompensa para todo o que crê e sustenta sua fé, e é isto que tornava para Moisés a vergonha de Cristo (da perseguição por causa da fé) mais valiosa que os prazeres do palácio. A Bíblia ainda diz que ele ficou firme “como quem vê o invisível”. Ninguém via o que ele via, mas ele não se importava e nem ligava para o que os outros achavam ou deixavam de achar; o que interessava é que ele sabia o que tinha escolhido. Isto é decisão





## 4

# SE O TIVESSEM CONHECIDO

Conhecer ou não uma verdade espiritual pesa muito numa decisão. Não só pelo fato de que o conhecimento nos favorece para escolher bem, mas também pelo fato de que cada um de nós será julgado na direta proporção do conhecimento que tem.

Em época posterior ao julgamento, na verdade dezenas de anos depois, a Escritura Sagrada volta a fazer menção do governador Pôncio Pilatos e sua decisão quanto a Jesus Cristo; e faz isto exatamente dentro do contexto do assunto que agora estamos abordando:

“Entretanto, expomos sabedoria entre os experimentados; não, porém, a sabedoria deste século, nem a dos poderosos desta época, que se reduzem

a nada; mas falamos a sabedoria de Deus em mistério, outrora oculta, a qual Deus preordenou desde a eternidade para a nossa glória; sabedoria essa que nenhum dos poderosos deste século conheceu; porque, se a tivessem conhecido, jamais teriam crucificado o Senhor da glória”

1 Coríntios 2.6-8

O apóstolo Paulo escreveu aos coríntios e lhes expôs a diferença entre o conhecimento natural das coisas e o entendimento espiritual das verdades de Deus. E quando falava acerca disto, tomou como exemplo esta porção que transcrevemos, onde fala dos poderosos da época de Jesus não terem a sabedoria de Deus (espiritual) e que justamente pela falta dela não conheceram quem era Jesus Cristo, pois se tivessem conhecido não o teriam crucificado.

Isto envolve Pilatos, Herodes, e todos os sacerdotes, anciãos e autoridades de Israel. Fala das autoridades, dos poderosos, dos que podiam decidir a respeito da crucificação de Jesus; e é claro, Pilatos está dentro.

Embora a referência seja a todos eles, devido à nossa aplicação sobre Pilatos e o paralelo espiritual entre a decisão dele e a nossa, quero deixar de lado a figura das demais autoridades que se envolveram direta e indiretamente na crucificação de Cristo, e olhar somente para o governador ro-

mano. E isto só por questão de enfoque, embora o princípio se aplique a cada um deles.

A afirmação bíblica é, portanto, que se Pilatos tivesse uma revelação espiritual de quem era Jesus jamais o teria mandado para a cruz. E a partir desta afirmação queremos tecer algumas considerações e demonstrar alguns princípios.

## **JUÍZO NA PROPORÇÃO DO CONHECIMENTO**

No pretório, houve um pequeno diálogo entre Jesus e Pilatos. E neste pequeno diálogo há uma afirmação de Cristo que nos revela um detalhe interessante sobre questões como “conhecimento” e “juízo”.

“Então, Pilatos o advertiu: Não me respondes? Não sabes que tenho autoridade para te soltar e autoridade para te crucificar? Respondeu Jesus: Nenhuma autoridade terias sobre mim, se de cima não te fosse dada; por isso, quem me entregou a ti maior pecado tem.”

João 19.10,11

A resposta de Jesus a Pilatos quer dizer o seguinte: “Você só tem este poder de decidir o que fazer comigo porque Deus te deixou ter, e porque

sabe que o que você vai escolher não vai afetar o plano divino”. Mas o detalhe que vem a seguir é que me chama a atenção: “quem me entregou a ti maior pecado tem”.

Só nesta frase vemos que Jesus está falando sobre duas coisas distintas:

1) O terem rejeitado Jesus foi considerado pecado. Isto mostra que quem errou na escolha pecou, mesmo que a crucificação de Cristo tenha sido benéfica ao mundo por ser o meio de redenção dos nossos pecados.

2) Há uma diferença entre o pecado cometido por Pilatos e o que cometeram os que entregaram Jesus a ele. Este grupo envolve desde Judas, o traidor, até as autoridades dos judeus. E a diferença entre a gravidade de pecado (Jesus lhe chamou “maior”) deve-se ao quanto conhecimento cada um possuía. Das autoridades religiosas que acompanharam o ministério de Jesus esperava-se mais, pois eram conhecedores das Escrituras e presenciaram os milagres de Jesus. De Judas, então, nem se fale! Mas Pilatos, um gentio, era o mais ignorante acerca do conteúdo das promessas acerca da vinda do Messias.

Vemos, portanto, que quanto maior for o conhecimento da pessoa sobre Jesus, maior juízo haverá sobre sua escolha. Como Pilatos conhecia menos, seu juízo será menor. Como os sacerdotes

e anciãos conheciam mais, maior será o seu juízo.

Na epístola de Tiago encontramos uma afirmação que relaciona o julgamento que receberemos com a proporção do conhecimento que temos: “Meus irmãos, não vos torneis, muitos de vós, mestres, sabendo que havemos de receber maior juízo” (Tg 3.1). O que conhece mais a ponto de ser um ensinador, tem maior responsabilidade; isto vale no âmbito pessoal e também ministerial, pois se ao ensinar, o fizer de forma errada, tal pessoa dará conta a Deus. Esta diferença é vista em outras afirmações bíblicas, como a que o apóstolo Pedro faz sobre quem conheceu Jesus e o abandonou depois de já ter o conhecimento:

“Portanto, se, depois de terem escapado das contaminações do mundo mediante o conhecimento do Senhor e Salvador Jesus Cristo, se deixam enredar de novo e são vencidos, tornou-se o seu último estado pior que o primeiro. Pois melhor lhes fora nunca tivessem conhecido o caminho da justiça do que, após conhecê-lo, volverem para trás, apartando-se do santo mandamento que lhes fora dado.”

2 Pedro 2.20,21

Está estabelecida clara diferença entre o que conheceu e o que não conheceu. É lógico que o não

conhecer não inocenta a pessoa, mas faz com que se exija menos dela para a tomada de sua decisão. Jesus mencionou em seus ensinamentos a diferença entre dois homens que erraram e seriam ambos julgados, mas segundo a proporção de seu conhecimento:

“Aquele servo, porém, que conheceu a vontade de seu senhor e não se aprontou, nem fez segundo a sua vontade será punido com muitos açoites. Aquele, porém, que não soube a vontade do seu senhor e fez coisas dignas de reprovação levará poucos açoites. Mas àquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e àquele a quem muito se confia, muito mais lhe pedirão.”

Lucas 12.47,48

Tanto um como outro seriam punidos, pois ambos erraram; o que conhecia a vontade do senhor, por não agir à altura, e o que não conhecia por não procurar conhecê-la. As falhas são distintas: o que conhecia pecou por rebelião, enquanto que o pecado do outro foi omissão ou mesmo desinteresse em procurar saber a vontade do senhor. Mas o fato é que o primeiro errou ativamente enquanto que o segundo errou passivamente; só que a ignorância não justifica, tem um juízo menor, mas tem juízo da mesma forma. O que devemos fazer é procurar conhecer e, então obedecer a vontade de Deus. O

próprio fato de você estar lendo estas verdades traz sobre sua vida uma responsabilidade maior, que antes você não tinha.

Se Pilatos tivesse conhecido quem era Jesus, não o teria crucificado. Quando Cristo estava na terra, havia diferentes opiniões acerca dele; ouviam-se testemunhos diferentes sobre sua identidade. Então, como saber quem era realmente ele? Como conhecê-lo?

Os que realmente o conheceram - seus apóstolos - precisaram de mais do que uma opinião, eles receberam uma revelação de Deus acerca de Jesus. Observe o que diz a Bíblia:

“Indo Jesus para os lados de Cesaréia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do Homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas. Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou? Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus.”

Mateus 16.13-17

Percebemos por este episódio narrado pelo evangelista Mateus que as opiniões eram diversas,

mas Pedro soube quem realmente Jesus era não porque ficou ouvindo os comentários dos homens, mas ele recebeu uma revelação de Deus! Seu coração se abriu de tal forma que o Espírito Santo pode dar testemunho de quem era Jesus. Não basta tentar conhecê-lo com o intelecto, com a razão; é preciso mais que isto. Você deve orar e pedir ao Pai que está nos céus que abra o seu coração para que haja uma compreensão profunda, espiritual, acerca de Jesus. Isto acontecia com pessoas nos dias da Bíblia, continua acontecendo hoje e pode ocorrer com você. Veja mais um exemplo bíblico, que se deu numa ocasião em que o apóstolo Paulo pregava o evangelho:

“Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia.”

Atos 16.14

Assim como Deus abriu o coração desta mulher, quer também abrir o seu. Pilatos pecou por não conhecer; contudo, ninguém pode usar a falta de conhecimento como desculpa. Se nos falta mais conhecimento para decidirmos o que fazer de Jesus chamado Cristo, devemos buscá-lo. Se você tem dificuldades quanto a entender a redenção que



Cristo veio trazer à humanidade por meio de sua morte e ressurreição, ou quanto à sua divindade, ou mesmo seus ensinamentos e como compreender a Bíblia, busque ajuda, mas não estacione na dúvida e nem tampouco na ignorância espiritual.

Se você ainda não conseguiu ver o senhorio de Jesus e a importância de submeter-se a ele, decidindo bem em seu tribunal, se ainda tem dificuldades para liberar sua fé e assumir um compromisso



## 5

# O OUTRO LADO DA CRUCIFICAÇÃO

Ao falar sobre a crucificação de Cristo no passado e como ela se repete num paralelo espiritual hoje, mostramos que ela figura nossa rejeição para com Deus. Este é um aspecto. Mas existe o outro lado. Deus nunca perde com nada; para Ele nada é refugo, tudo pode ser reciclado, transformado, e aproveitado.

Permita-me mostrar-lhe o outro lado da crucificação, e o no que ela resultou. Se por um lado ela significa rejeição, por outro é a demonstração do amor divino, usando nossa própria rejeição como um caminho para oferecer-nos a sua salvação.

Tenho enfatizado que no reino espiritual os acontecimentos históricos da Bíblia se repetem, e o

que passarei a narrar agora, é como o julgamento de Pilatos se repetiu na vida de uma amiga, Vilma Laudelino de Souza, quando ela ainda nem mesmo conhecia a Jesus e jamais havia lido uma página sequer dos Evangelhos. Não falo de uma desconhecida, mas de alguém que tem tocado minha vida e a de minha esposa, bem como meus companheiros de ministério e nossa própria igreja; e o que temos visto em sua vida cristã e ministério atestam que é uma serva de Deus e que de fato tem sido marcada pelo toque sobrenatural de Deus.

Nenhuma experiência espiritual, sejam sonhos, visões ou êxtases, tem mais valor do que a Bíblia; se estão em harmonia com a Palavra, devem ser aceitas; se não estão, devem ser rejeitadas; mas o que essa nossa irmã em Jesus Cristo viveu está em plena harmonia com a Bíblia, e levou-a a render-se ao senhorio de Jesus Cristo.

Estou extraindo esta narrativa do livro *Escalando o Abismo*, de sua própria autoria, e publicado pela Orvalho.Com:

“Chorando interiormente, questionei:

- Deus, por que o Senhor permitiu que eu nascesse? Para fazer e receber o mal e ser levada ao inferno? Eu sofri na terra mais que teu filho!

Falava como uma louca, mas Deus provou neste instante a grandeza do seu amor, **tirando-me**

**do chão e conduzindo-me a um lugar onde contemplei a cena que mudou todos os rumos futuros de minha vida.**

Me vi andando por uma rua estreita, de barro. As casas eram feitas de pedras. Alguma coisa anormal acontecia ali. As pessoas trajavam túnicas longas e andavam apressadamente em direção a uma grande praça. Corri também na mesma direção que os outros, mas na verdade não entendia bem se estava vivendo aquela cena ou se tinha morrido. Porém, já não sentia medo.

Enquanto caminhava, pude ver de longe um prédio com altas colunas, parecido com um palácio de justiça. Em frente a ele, milhares de pessoas se aglomeravam e gritavam freneticamente levantando os punhos. Cheguei o mais perto que pude. Alguém estava sendo julgado por um homem. À minha frente via muitos soldados, trajados como os romanos da Idade Antiga, formando um cordão de isolamento. O homem que julgava apontou para o jovem amarrado numa das colunas e perguntou:

- Que farei de Jesus de Nazaré?

Esforcei-me para vê-lo, mas seus cabelos cobriam o rosto levemente inclinado e os muitos soldados ao redor impediam uma visão melhor. Após ouvir a pergunta, a multidão começou a gritar:

- Crucifique, crucifique!

Para a minha surpresa, me vi gritando a mes-

ma coisa, e ao olhar em redor para ver quem mais fazia parte daquela cena, reconheci todos os meus amigos de farra, de macumba, candomblé, espiritismo, rodas de samba, terreiros, bailes, bebedices, além de pessoas de todos os tipos, raças, povos e nações. Eu não compreendia nada.

Queria enxergar o homem que estava sendo julgado mas só consegui ver que ele usava uma roupa comprida e muito branca. Novamente o juiz indagou: - Que farei de Jesus de Nazaré? - ao que todos nós, de punhos cerrados, respondíamos: - Crucifique, crucifique! - aquele homem lavou as mãos e entregou o acusado aos soldados, que o levaram para dentro do prédio. Eles desceram as roupas brancas do réu até a cintura e o amarraram a uma coluna do interior do pátio. Um soldado ergueu o chicote, feito com vários fios de couro e um metal na ponta de cada fio. Começaram a golpeá-lo. A cada golpe abriam-se profundos sulcos rasgando a sua carne e o sangue escorria abundantemente. A multidão aplaudia, gritava, assobiava, divertindo-se com aquele espetáculo. O único a permanecer em silêncio, de olhos fechados, era o próprio jovem sofredor. Seu corpo estremecia pela dureza dos golpes, uma indescritível expressão de dor transtornava seu rosto mas seus lábios se moviam silenciosamente. Ele estava orando!

Nunca antes ouvira falar sobre este Homem-

-Deus. Jamais conheci a Bíblia, onde estes fatos são relatados. Nunca me haviam falado de Jesus, mas eu o conheci através de sua própria, indecifrável, e singular revelação de amor. Não acreditava nele, da mesma forma que descrevia do inferno e do diabo, ao qual no entanto, servia por ignorância, até que ele mesmo se revelou para mim.

Passaram-se algumas horas e aqueles soldados afastaram-se, depois de entregar o réu à turba enfurecida. A multidão continuava a gritar, assobiar e zombar daquele homem, cuspiendo no seu rosto, batendo e esmurrando. O sangue do seu nariz e boca escorriam. Havia hematomas nos olhos. Eu assistia petrificada àquela covardia. Muitas pessoas se revezavam nos golpes.

Os soldados retornaram, trazendo sobre uma almofada uma coroa feita de espinhos. Ergueram com brutalidade a cabeça daquele homem e debaixo de aplausos cravaram-lhe a coroa na cabeça, forçando-a com um pedaço de pau. Seu rosto se encolheu num gesto de dor, que o fez apertar com força os olhos e os lábios. O sangue jorrava pelas têmporas, transformando o corpo em uma massa ferida e ensangüentada. Ele era uma ferida só. Não suportando mais a cena, comecei a gritar:

- Parem, parem. Não façam isto. Este é o Filho de Deus. Ele não merece tal sofrimento. Eu sim, que sou uma feiticeira e miserável suicida.

Todos olharam para mim, admirados. Não sei de onde retirei estas afirmações, pois nunca havia conhecido o Evangelho ou acreditado em Jesus. Ele também voltou os olhos para mim pela primeira vez no decorrer daquela cena e me olhou diretamente nos olhos. Cheguei a pensar que estava com ódio de mim, mas foi totalmente o contrário. Em toda minha vida nunca vi um olhar tão cheio de amor, de bondade, compaixão e misericórdia como o olhar de Jesus de Nazaré. Por instantes nossos olhares fixaram-se e ele falou:

- Não, minha filha Vilma. Ninguém suportaria este sofrimento - ele apontava seu corpo dilacerado e ensangüentado, enquanto sua voz dulcíssima prosseguia, em meio às lágrimas que jorravam pela minha face: - Somente eu o fiz por amor de ti, para salvar e libertar tua vida.

Não compreendia como alguém podia amar tanto, sofrer e morrer por uma pecadora, ovelha negra da família, como eu. Entretanto, minha alma foi invadida por um gozo indescritível e entendi que Jesus é uma pessoa real. Ali estava ele, todo ensangüentado, a viva expressão do sofrimento, mas real e tratando-me como filha. Estendi minhas mãos para ele, mas o despertador retiniu, avisando-me sobre a hora em que deveria me suicidar, realizando assim a ordem do príncipe das trevas.

Caí de joelhos e chorei, amargamente arre-



pendida. Minha alma desabafava o peso do pecado e ao mesmo tempo uma grande paz enchia o meu ser. Me dirigi ao Deus que até poucos instantes era ignorado por mim, orando:

- Ó Deus, toda a minha vida está destruída, mas reconheço minha maldade. Creio agora que o teu Filho sofreu e morreu por mim. Por isso quero entregar totalmente minha vida nas tuas mãos para que faças dela o que Tu quiseres.

Hoje, pela graça de Deus, sou uma testemunha viva do Evangelho e do grande poder de Jesus Cristo. Ele tem toda força. Todo poder e amor pelas almas perdidas. Ele pode perfeitamente salvar, curar e libertar o mais miserável ser humano, como diz o evangelho de João: **'e conhecerão a verdade e a verdade os libertará. Se o filho os libertar, vocês serão de fato livres'** (Jo.8:32)."

Fiz questão de relatar esta experiência para mostrar-lhe que realmente a história se repete dentro de nossa individualidade. Assim como Deus abriu os olhos da Vilma através deste paralelo histórico, espero que também abra e ilumine os seus. O outro lado da crucificação não fala da nossa rejeição para com Cristo, mas da aceitação e do amor divino para conosco!

Tudo o que Jesus sofreu, sofreu no meu e no seu lugar. O castigo e culpa do pecado que nós de-

veríamos pagar, Ele, um inocente e santo, se dispôs a pagar em nosso lugar. O outro lado da cruz revela o perdão e a salvação de Deus para com cada um de nós.

## RECONCILIAÇÃO COM DEUS

Algo aconteceu com o homem lá no jardim do Éden, quando ele pecou: morreu espiritualmente. Deus o avisara que no dia em que pecasse certamente morreria (Gn 2.17), e isto aconteceu; Adão não morreu fisicamente naquele dia, mas espiritualmente. Como está escrito: “porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.” (Rm 6.23).

Só que Adão não “morreu” sozinho, ele levou toda a descendência junto, pois na criação Deus estabeleceu um princípio: “e cada um reproduza segundo a sua espécie”. Encontramos uma afirmação clara desta consequência na Bíblia: “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram” (Rm 5.12). Toda humanidade colheu e ainda colhe o fruto do pecado original. Já nascemos em pecado (Sl 51.5) e como consequência, mortos espiritualmente.

Quando a Bíblia fala de morte, não fala de fim de existência, mas de separação. A morte espiritual,

portanto, significa estar separado de Deus; foi o que o pecado gerou entre nós e Deus – separação. As Escrituras dão testemunho disto também: “Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados encobrem o seu rosto de vós, para que vos não ouça” (Is 59.2). Deus é santo e não pode ter comunhão com o pecado; é como água e óleo: não se misturam. A santidade de Deus não pode aceitar a presença do pecado, e quando o homem passou a estar em pecado, automaticamente afastou-se de Deus. Uma grande parede divisória levantou-se. Mas a crucificação de Jesus Cristo aconteceu justamente para que esta parede fosse derrubada!

O apóstolo Paulo escreveu sobre isto aos coríntios. Ele falava muito sobre a cruz de Cristo, e explicou o que lá ocorreu do ponto de vista de Deus:

“E, assim, se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas. Ora, tudo provém de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação, a saber, que Deus estava em Cristo reconciliando consigo o mundo, não imputando aos homens as suas transgressões, e nos confiou a palavra da reconciliação.”

2 Coríntios 5.17-19

Naquele momento de dor e morte, Jesus fazia algo por mim e por você. O texto diz que Deus estava em Cristo, RECONCILIANDO consigo o mundo! Ou seja, aquela parede do pecado, a inimizade e separação gerada por ele estava sendo removida para que pudéssemos ter acesso a Deus novamente. Ali ocorria o perdão, quando ele não nos imputava as transgressões, mas as removia. É por isso que hoje pregamos esta reconciliação:

“De sorte que somos embaixadores em nome de Cristo, como se Deus exortasse por nosso intermédio. Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilieis com Deus. Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus.”

2 Coríntios 5.20,21

Somente por meio da cruz de Cristo alguém pode receber perdão dos seus pecados e chegar-se a Deus. Este é o outro lado da crucificação. Reconciliação. E mais: Dívida paga, o que chamamos de justificação.

## **DÍVIDA PAGA**

A entrada do pecado deixou uma dívida alta. O salário do pecado é a morte. Isto não significava apenas que a recompensa do pecado era a morte, no

sentido de consequência, mas também de punição. No livro do profeta Ezequiel está escrito: “a alma que pecar, essa morrerá” (Ez 18.4). O homem teria que pagar pelo seu pecado morrendo. Só a morte teria este poder, contudo, se o homem morresse pelo seu próprio pecado, poderia resolver as coisas aqui na terra, mas seu espírito iria para a perdição eterna, pois ao morrer por si mesmo em pecado, seria automaticamente lançado no inferno, pois estava espiritualmente morto, separado de Deus! O fato é que não havia nada que pudesse ser feito, como bem relata o livro dos Salmos:

“Ao irmão, verdadeiramente, ninguém o pode remir, nem pagar por ele a Deus o seu resgate (Pois a redenção da alma deles é caríssima, e cessará a tentativa para sempre), para que continue a viver perpetuamente e não veja a cova”

Salmo 49.7-9

Ninguém poderia resolver nem o seu próprio problema, nem o de nenhum outro. E Deus não poderia simplesmente “perdoar-nos” fazendo vista grossa aos nossos pecados, pois Ele é justo e o pecado não poderia ficar sem punição; a dívida tinha que ser paga! Mas é claro, nenhum ser humano poderia pagá-la, pois para enfrentar a morte sem ser aprisionado por ela, tal homem teria que ser santo, sem pecado, pois sobre o pecado a morte tem direito,

como vimos nos princípios bíblicos. E nunca houve um homem assim. Até que Deus interferiu.

Esta é a razão de Jesus, como Deus, ter se sujeito a encarnar e viver como um homem:

“Visto, pois, que os filhos têm participação comum de carne e sangue, destes também ele, igualmente, participou, para que, por sua morte, destruísse aquele que tem o poder da morte, a saber, o diabo, e livrasse todos que, pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida.”

Hebreus 2.14,15

Jesus Cristo viveu de forma imaculada e santa todos os seus dias e por isto a morte não tinha autoridade para prendê-lo; e ao morrer, ele pagou a nossa dívida para com Deus. Satisfez as exigências legais da justiça divina. E nos libertou do medo da morte e a escravidão espiritual que a seguiria: o inferno. A cruz é um lugar de dívida paga, como lemos na epístola aos Colossenses:

“E a vós outros, que estáveis mortos pelas vossas transgressões e pela incircuncisão da vossa carne, vos deu vida juntamente com ele, perdoadando todos os nossos delitos; tendo cancelado o escrito de dívida, que era contra nós e que constava de ordenanças, o qual nos era prejudicial, removeu-o

inteiramente, encravando-o na cruz”

Colossenses 2.13,14

Graças a Deus! Este escrito de dívida era de um valor tão alto que jamais poderia ser pago. A justiça de Deus o cobrava de nós, por isso ser ele mencionado como nos sendo contrário, contra nós. Mas Jesus o removeu completamente, sem nada deixar para trás, e pregou na cruz! A dívida foi paga. O pecado que eu e você deveríamos pagar (e não tínhamos como) Cristo pagou naquela cruz. O profeta Isaías foi usado por Deus com muita clareza quando centenas de anos antes da vinda de Jesus profetizou sua morte na cruz e as conseqüências espirituais deste ato:

“Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens; homem de dores e que sabe o que é padecer; e, como um de quem os homens escondem o rosto, era desprezado, e dele não fizemos caso. Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o reputávamos por aflito, ferido de Deus e oprimido. Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões e moído pelas nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre

ele a iniquidade de nós todos. Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca.”

Isaías 53.3-7

A crucificação tem dois lados. Um reflete nossa rejeição e maldade a ponto de matar o Filho de Deus,



## CONCLUSÃO

Ao Se você se recusa a agir como Pilatos e quer tomar a decisão certa, de reconhecer Jesus como Rei e entrar num alto nível de compromisso COM ELE, sem a omissão provocada pela pressão contrária da maioria, mas ficando firme, quero que faça uma oração comigo.

É importante que você saiba que a Bíblia nos ensina a crer e confessar Jesus; ou seja, não é só ter a fé no coração, mas devemos expressá-la com a nossa boca:

“Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.”

Romanos 10.9,10

Em razão disto, convido você a expressar sua fé e decisão por Jesus fazendo em voz alta a oração que se segue, intitulada, “Oração de Entrega”. Porém, vale ressaltar que confessar Jesus com a boca não é apenas fazer esta oração em voz alta, mas o que é ainda mais importante, é que você não se envergonhe dessa decisão e esteja sempre falando dela aos outros. Você perceberá que à medida que expõe os fatos bíblicos e os declara a outros, eles vão ganhando vida em seu interior. Não se trata de convencer a si mesmo, é muito mais que isto! É penetrar na realidade espiritual dos fatos.

Libere agora sua fé em Deus, bem como confirme a decisão que você já fez em seu interior fazendo esta oração:

## ORAÇÃO DE ENTREGA

“Senhor Jesus, neste dia reconheço que, como cada ser humano, tenho que tomar uma decisão. E uso nesta hora do meu poder de escolha para abrir meu coração a ti. Eu o faço pela fé na tua Palavra que me foi exposta neste ensino e creio que a partir de hoje serei uma nova pessoa.

Reconheço que o Senhor morreu por mim para o perdão dos meus pecados, e ressuscitou ao terceiro dia, vencendo a morte e o diabo e hoje está assentado à direita de Deus, intercedendo por mim. Reconheço que em minha vida, a partir de agora, tu és o Senhor. Decido que tu és verdadeiramente Rei e Senhor e quero que reines na minha vida. Te entrego todo o meu ser: meu espírito, minha alma e meu corpo. Faze de mim, peço-te, tua habitação; vem morar em mim enchendo o meu coração com a tua presença por meio do Espírito Santo.

Renuncio neste dia à todo e qualquer envolvimento, direto ou indireto com o ocultismo e os

poderes das trevas, em nome de Jesus! Clamo sobre minha vida o poder do sangue de Jesus e a libertação completa que vem por meio de sua morte e ressurreição. E declaro que agora pertenço a Deus para sempre, para fazer a sua vontade.

Ajuda-me, ó Deus, a não ceder às pressões e ficar firme em tua graça, mantendo sempre este compromisso com o Senhor Jesus Cristo. Dá-me entendimento para compreender a Bíblia e por meio

## PALAVRAS FINAIS

A partir de hoje você é uma nova criatura em Cristo Jesus. Tudo se fez novo. Creia nisto de todo coração, independentemente do que estiver sentindo. Sustente esta fé e desenvolva-a.

É importante saber que a melhor maneira de crescer espiritualmente não é sozinho, mas juntamente com outros que já tem vivido esta mesma experiência; portanto, aconselho-o a procurar uma Igreja Evangélica que professe Jesus como Senhor e Salvador e creia na Bíblia toda, como a revelação da vontade divina aos homens. Informe-se com quem lhe ofereceu este exemplar, e certamente esta pessoa poderá lhe ajudar.

Que Deus o abençoe e fortaleça nesta sua decisão que certamente foi o que de mais importante você poderia fazer em toda sua vida. É uma decisão eterna, com uma recompensa eterna!

Data e lugar desta decisão: \_\_\_\_\_





Visite nosso site!

**orvalho**  
•.com



Disponibilizamos estudos bíblicos, livros on-line com  
acesso gratuito, mensagens em áudio e muito  
mais para o seu crescimento,  
*Assim é divulgar!*

[www.orvalho.com](http://www.orvalho.com)